APOSTILA PARA CONCURSO DE PRENDAS E PEÕES



Organização
GEOMARA KAVILHUKA

É com muito carinho, que organizei para você Prenda e Peão que tem interesse em aprender e participar do nosso movimento conhecendo e se enriquecendo culturalmente.

Ser Prenda ou Peão é um cargo conquistado pelos seus esforços e dedicação as tradições gaúchas e suas habilidades artesanais, artísticas e campeiras.

No final, você verá que tudo valeu a pena no final! Pois, tudo vale a pena se a alma não é pequena!

Bom estudo!

Geomara Kavilhuka
Diretora Artística
da 6ª Região Tradicionalista
2015-2017

MTG/PR

Tradição e Tradicionalismo

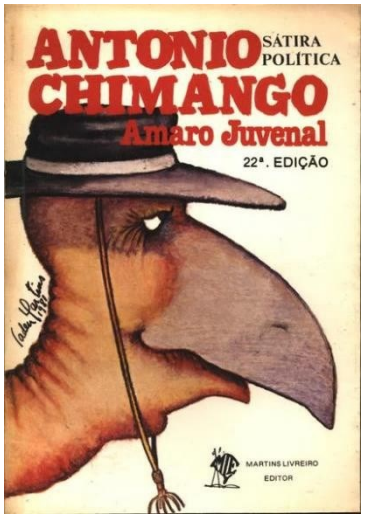
1- Qual foi a primeira tentativa de se instituir um culto as tradições gaúchas?
R: A primeira tentativa de se institucionalizar o culto da tradição, surge em 22 de maio de 1898, em Porto Alegre, sob a liderança do Major João Cezimbra Jacques: nesse dia foi fundado o Grêmio Gaúcho, uma bela tentativa de reunir sob o pálio da tradição os gaúchos desavindos durante a Revolução de 93. Cezimbra Jacques declaradamente se inspirava na sociedade uruguaia "La Criolla", fundada em 1894, em Montevidéu.

2- Como nasceu o primeiro CTG?
R: O primeiro CTG foi o "35 – Centro de Tradições Gaúchas", fundado oficialmente em 24 de abril de 1948. O "35" nasceu da espontaneidade de impulsos da juventude. Estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, sob a liderança do incansável João Carlos Paixão Côrtes, preocupados com o estado de esquecimento em que se achavam as tradições do Rio Grande do Sul, fundaram, naquele colégio, o Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, no ano de 1947

3- O que foi o "Grupo dos Oito"?
R: Paixão Côrtes formou um pequeno grupo, que com ele eram de oito pessoas. Este Grupo dos Oito quase atravessou a cidade de Porto Alegre e dirigiu-se a cavalo para junto do monumento do General Osório, conduzindo os restos mortais de Davi Canabarro herói farroupilha.

4- Quando ocorreu a Primeira Ronda Gaúcha?
R: O Departamento de Tradições Gaúchas do "Julinho" promoveu a Primeira Ronda Gaúcha (hoje Semana Farroupilha), que desenrolou-se de 07 a 20 de setembro do mesmo ano de 1947. No saguão do Colégio, foi organizada uma exposição de fotografias com motivos gaúchos.

5- Quando foi criada a Chama Crioula?
R: A primeira Chama Crioula, foi num candieiro de galpão durante a Ronda Gaúcha. Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira e Fernando machado Vieira, trouxeram a cavalo a Chama Crioula da Pira da Pátria, apesar das dificuldades, Paixão Côrtes resolveu galgar os degraus da escada, onde no alto estava a Pira, que somente atletas podiam faze-lo, de xiripá, boleadeiras e mango pendurado no cabo da faca, esporas e outros adereços típicos da indumentária gaúcha. Nascia, assim, durante a noite de 07 para 08 de setembro de 1947, a Chama Crioula, hoje tão divulgada e respeitada pelos tradicionalistas do Rio Grande do Sul e outros Estados do Brasil.



6- Quem foi JOÃO CEZIMBRA JACQUES?
R: Respeitoso militar que fundou o Grêmio Gaúcho e é considerado Patrono do Tradicionalismo.

7- Quem foi Ramiro Barcelo?
R: Ramiro Barcelos, usando o pseudônimo de Amaro Juvenal, escreveu a primeira obra poética de cunho regionalista – Antônio Chimango – com a linguagem campeira. A obra de Ramiro Barcelos abordava a figura política do governador Antônio Augusto Borges de Medeiros, chamado de Chimango. Antônio Chimango foi o início do uso do linguajar genuinamente crioulo. Era a afirmação da literatura gaúcha. Mesmo quando trazia intervenções políticas era preservado o uso da temática campeira. Marco inicial da poesia gauchesca, Amaro Juvenal, com Antônio Chimango, abriu caminhos para a poesia crioula. Essa semente está disseminada por um sem-fim de obras literárias e festivais regionalistas da canção gaúcha, espalhados pelo Rio Grande do Sul.

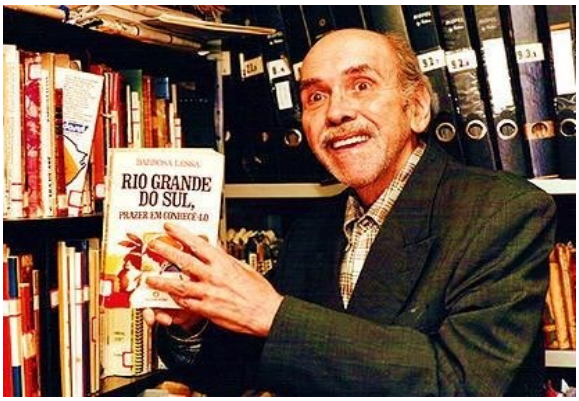
8- Quem foi Barbosa Lessa?
R: Luiz Carlos Barbosa Lessa, faleceu em 2002, participou intensivamente do processo de construção do Movimento que registrou e difundiu a cultura gaúcha do homem do campo. Foi o companheiro inseparável

de Paixão Cortes durante toda a sua vida. Juntos escreveram diversas obras literárias, músicas, poemas entre outros. Também foi um dos fundadores do 35 CTG.

9- Quem foi Paixao Cortes?
R: João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, faleceu em 27 de agosto de 2018, foi um dos pioneiros dentro da tradição gaúcha. Fez um resgate histórico das danças folclóricas e foi um dos fundadores do 35 CTG. Considerado um mártir da Tradição. Foi o modelo para a Estátua do Laçador, um dos símbolos da cidade de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

10- Quem foi Anita Garibaldi? Porque ela é um vulto importante?
Ana Maria de Jesus Ribeiro, Anita nasceu no ano de 1821, nas proximidades da então vila de Laguna e teve nove irmãos. A maior parte de sua infância passou a localidade denominada Morrinhos, situada entre Tubarão e Laguna. Desde criança Anita já demonstrava personalidade forte e muito poder de decisão. Com apenas dezesseis anos, Ana Maria casa-se por decisão da mãe, com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, na Igreja matriz de Santo Antônio dos Anjos, de Laguna, passando a se chamar Ana Maria de Jesus Duarte Ribeiro, Manoel Duarte, seu esposo, aderiu a Causa Imperial, aliando-se ao Cel. França. Em 19839 conhece o italiano Giuseppe Garibaldi por quem se apaixona e se aventura com o mesmo durante a Revolução Farroupilha, sendo a única Mulher a lutar durante os combates ao lado de Guiseppe.

11- Quem foi Nico Fagundes?
R: Antônio Augusto da Silva Fagundes, conhecido como Nico Fagundes, foi um grande poeta, compositor, ator, advogado e apresentador de televisão do programa Galpão Crioulo. Faleceu em Junho de 2015, e dentre suas grandes obras literárias foi Indumentária Gaúcha e Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul. Além da composição “Canto Alegretense”.



BARBOSA LESSA



PAIXÃO CORTES



ANITA GARIBALDI



NICO FAGUNDES

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

12- Quais foram as tribos indígenas que prevaleceram no estado do Rio Grande do Sul?
R: Os grupos indígenas principais, que habitavam as terras gaúchas, eram: o grupo Guarani (carijó, tape, arachone); o grupo Gê (guaiana, ibirajá, corondo); e o grupo Pampeano (charruas e minuanos).

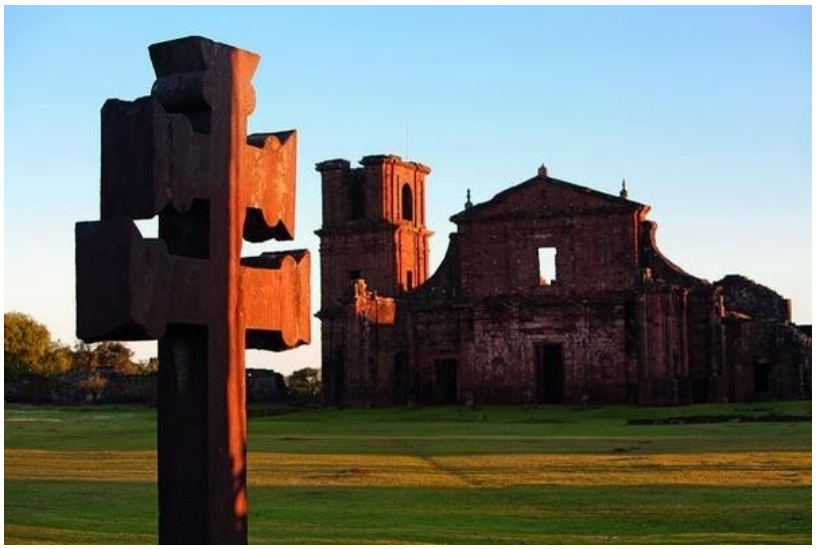
13- Qual era a cultura dos índios?
R: Dançavam ao som de tambores e flautas feitas de bambu e ossos. Fabricavam armas com ponta de ossos e madeira, como o arco e a flecha, o tacape e a machadinha. Os índios pampeanos já usavam a boleadeira e eram exímios cavaleiros. Como alimento, usavam o milho, a batata-doce, mandioca, frutas, aves, peixes, raízes e animais. A bebida era o cauim.

14- Como surgiram as Missões Jesuíticas?
R: Por volta de 1625, o padre Roque Gonzáles, vindo do Paraguai, depois de organizar as Reduções da Argentina, tentou firmar pé na margem esquerda do rio Uruguai, no atual território do Rio Grande do Sul. Conseguiu reduzir algumas tribos e, em maio de 1626, fundou a primeira redução, ou seja, o primeiro dos Sete Povos das Missões, encravado entre terras espanholas e portuguesas, que foi São Nicolau.

15- Quais forma as Missões fundadas no território gaúcho?
R: São Miguel (1632), por padre Cristóvão de Mendonza); São Luiz Gonzaga (1673, padre Miguel Fernandez); São Borja (1690, padre Francisco Garcia), São Lourenço (1691, padre Bernardo de La Vega); São João Batista (1697, padre Antônio Sepp); Santo Ângelo (1707, padre Diogo Haze).

16- Quem foi o responsável por trazer o Primeiro Gado no território?
R: Em 1634, o padre jesuíta Cristóvão de Mendonza trouxe o primeiro rebanho de gado para o Rio Grande do Sul, sendo portanto, considerado o primeiro tropeiro rio-grandense.

17- Qual foi o pior período que as missões passaram?
R: De 1634 a 1641, foi um período grave de invasões, com muitas atrocidades, quando inúmeros índios foram aprisionados e escravizados pelos bandeirantes paulistas, escapando somente aqueles que se refugiaram na floresta e os que foram levados pelos jesuítas para o outro lado do rio Uruguai. O gado que não foi levado, ficou no campo, multiplicando-se abundantemente, criado chimarrão. Em 1687, os missionários voltaram, reuniram os índios novamente, construíram novas aldeias e reconstruíram as que haviam sido destruídas.



18- Quais os destaques das Missões?
R: Os índios que viviam nas Missões, criavam gado e trabalhavam na lavoura e também ofícios para ajudarem nos outros trabalhos. Nas Missões foi impresso o primeiro livro e aconteceu a primeira fundição de ferro (São João Batista), na América Latina. O povo de São Luiz Gonzaga, foi o que se conservou por mais tempo e o povo de São Miguel o que mais prosperou, sendo chamado a “Capital das Missões”. As Missões rio-grandenses, ora sob domínio espanhol, ora sob o português, perduraram até 1801, quando passaram definitivamente para os portugueses, pelo Tratado de Badajós.

19- Como surgiram as Estâncias no Rio Grande?
R: Para reunir o gado, os tropeiros organizaram as primeiras estâncias, isto é, grandes locais de criaçã o de gado. Ao redor das estâncias, com o tempo, surgiram povoações que mais tarde se tornaram cidades gaúchas, como: Cruz alta, Lago Vermelha e outras.

20- Como se iniciou o Tropeirismo no Rio Grande do Sul?



R: As primeiras tropeadas surgem em função das reduções jesuíticas. Foi o abastecimento de carne, sebo, couro e animais de tração visando a fixar o índio em torno da Igreja que moveu as primeiras tropas para a banda oriental do rio Uruguai. Coube ao Padre Cristóvão de Mendoza Y Orellano a glória de introduzir as primeiras tropas de gado vacum.

21- Como o gado se espalhou pelo território do Rio Grande do Sul?

R: O gado foi se procriando pelas matarias e campos, sem aramados, sem marca e sem sinal. O gado selvagem, chimarrão ou orelhano, partiu das Missões e formou duas grandes concentrações; uma nas Vacarias do mar, às margens das lagoas Mirim e dos Patos e a outra nas Vacarias dos Pinhais, na região do atual município de Vacaria e arredores. Os bovinos formaram grandes tropas no território, porém não foram a base para o surgimento das tropeadas. Eles eram apenas caçados pelos gaudérios e indígenas, para extrair o couro e o sebo. As mulas e cavalos, que eram o meio de transporte mais utilizado no País, é que foram a base das primeiras tropeadas.



22- Qual é o nome da principal Feira em que os animais eram vendidos?

R: A Feira de Sorocaba em São Paulo foi instalada oficialmente em 1750. O motivo da feira localizar-se em Sorocaba deve-se, possivelmente ao fato de que o curso d'água em questão marca um divisor climático e um divisor entre a região de campos e de matos.

23- Como era a alimentação dos tropeiros?

R: A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido). Nos pousos comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho (feijão tropeiro) que era servido com farofa e couve picada. Bebidas alcoólicas só eram permitidas em ocasiões especiais: quando nos dias muitos frios tomavam um pouco de cachaça para evitar constipação e como remédio para picada de insetos.

24- O que eram as Charqueadas?

R: As charqueadas são locais onde a carne é salgada e seca, resultando no charque. As charqueadas nasceram naturalmente nas estâncias gaúchas. O charque garantia a manutenção de todos os trabalhadores nos intervalos das carneadas. A palavra charque, de origem quíchua, indica a carne de gado vacum, cortada em tiras de certa espessura. Estas tiras são depois salgadas e levadas ao sol para secar.

25- Quem eram os Changueadores?

R: Com uma garrucha (vara comprida, de madeira ou taquara, levando na extremidade uma meia lua de aço), os changadores investiam contra o gado selvagem, desgarrando-o, isto é, cortando o garrão das patas traseiras; assim, o animal caía ao solo, não podendo se levantar. Depois começava a matança. Só extraíam o couro e o sebo, abandonando a carne, que servia de banquete a corvos (urubus), aves de rapinas e cachorros chimarrões. Faziam isso para fortalecer o comércio de couro e a exportação do produto. Esse ciclo (couro) vai de 1726 até 1734.



26- Quais foram os nomes que o Estado do Rio Grande do Sul já teve?
R: 1500 a 1737 – Capitania Del Rei; 1737 a 1763 – Continente de São Pedro;
1763 a 1776 – Continente de Viamão; 1776 a 1807 – Capitania do Rio Grande do Sul; 1807 a 1822 - Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul; 1822 a 1889 – Província de São Pedro do Rio Grande do Sul; 1889 em diante – Estado do Rio Grande do Sul.

27- Como eclodiu a Revolução Farroupilha?
R: As idéias republicanas emanadas dos países vizinhos, vieram dar um clima propício a movimentos silenciosos. O descaso da Regência para com a Província e o estado de abandono a ela dada, os pesados impostos na economia gaúcha, cada vez mais sacrificada, e a falta de habilidade das autoridades que a governavam, levaram essa Província á mais cruel e longa luta: a Revolução Farroupilha (1835 – 1845). As constantes rivalidades existentes entre os dois partidos políticos, os Liberais e os Conservadores, e a fundação de uma "sociedade militar", acabaram por desencadear o "Decênio Heróico". A 19 de setembro de 1835, por volta da meia-noite, nas proximidades da antiga Ponte da Azenha, uma força revolucionária com aproximadamente 200 cavaleiros, comandada por José Vasconcelos Jardim e Onofre Pires da Silva, vindo de Pedras Brancas (atual cidade de Guaíba), iniciou marcha em direção ao centro da capital, ao seu encontro o Presidente Braga mandou uma pequena força, sob o comando de Visconde de Camamu, que aos primeiros choques com a vanguarda revolucionária entrou em pânico, levando o resto das tropas aderirem aos sediosos. No dia seguinte, 20 de setembro, Bento Gonçalves, vindo de Pedras Brancas, entra triunfalmente em Porto alegre. O Presidente Fernandes Braga foge para a cidade de Rio Grande e Bento Gonçalves estabelece novo governo na Província.

28- Quais foram as principais batalhas?
R: As Principais Batalhas foram: Do Seival (10 de set. de 36); do Fanfa (04 de out. de 36); da Fazenda Porongos (31 de jul. de 37); do Rio Pardo (30 de abril de 38); do Poncho Verde (26 de maio de 43) e de Porongos (14 de nov. de 44).



29- Quais foram as 3 Capitais Farroupilhas?
R: 10 de Nov. de 36 à 14 de Fev. de 39 – Piratini; 14 de Fev. de 39 à 22 de Mar. de 42 – Caçapava;
22 de Mar. de 42 à 28 de Fev. de 45 – Alegrete.

30- Quais foram os principais Vultos da Revolução Farroupilha?
R: Bento Gonçalves, Davi Canabarro, Anita Garibaldi, Guisseppe Garibaldi, José Vasconcelos Jardim, Onofre Pires da Silva, Bento Manuel Ribeiro, Antônio de Souza Neto.

31- Como finalizou a Revolução Farroupilha?
R: Para o Barão de Caxias, homem de extraordinária inteligência e caráter ímpar, não foi difícil estabelecer a paz nos pampas gaúchos, que após dez anos de sangrentas lutas entre irmãos brasileiros, encontra o seu fim no dia 28 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo de Poncho Verde, onde ninguém saiu vencido, nem vencedor.

32- Quando se deu início a Revolução Federalista?
R: A Revolução Federalista eclodiu em fevereiro de 1893. Acampado em Carpintaria, na linha divisória com o Uruguai, o general Honório João Nunes da Silva Tavares fez uma proclamação aos Rio-Grandenses, concitando-os à luta "pela reconquista da Liberdade". Na verdade, essa revolução, tinha um caráter inteiramente político e foi a mais sangrenta e desumana que o Rio Grande já conheceu. Foi adotada a degola dos inimigos aprisionados numa escala surpreendente. O presidente do Estado era o Dr. Júlio de Castilhos.

33- Quais foram os principais Chefes e Caudilhos Federalistas?
R: Gumercindo Saraiva, José Serafim de Castilhos (Juca Tigre), Dinarte Dornelles, Marcelino Pina e outros. O chefe civil da revolução era o Dr. Silveira Martins.

34- E quais foram os principais chefes Legalistas?
R: General João Telles, Coronel Pinheiro Machado, Coronel Menna Barreto, General Francisco Soares e outros.

35- Quais as principais batalhas?
R: Alegrete, (Mangueira, Jararaca); Inhanduí (afluente do rio Ibirapuitã), sendo essa a mais importante sob o aspecto tático; Cerro do Ouro; Coxilha Grande e Rio Negro.

36- Como ocorreu o fim da Revolução?
R: Do Capão do Carovi, quando os federalistas se preparavam para um grande combate, o caudilho maragato Gumercindo Saraiva fora mortalmente ferido com um tiro que veio do mato. O desânimo da tropa de 4.000 homens, que ali estavam reunidos, foi imediato e bateram em retirada. O corpo do famoso caudilho está sepultado no cemitério Santo Antônio, em Santiago do Boqueirão. Em 24 de julho de 1895 travou-se o último combate, onde morreu o almirante Saldanha, tendo assumido a presidência da República, Prudente de Morais, tratou de pacificar o Rio Grande do Sul. A paz foi assinada em 23 de agosto de 1893, na cidade de Pelotas.

37- Como iniciou a Revolução de 1923?
R: Borges de Medeiros fora eleito pela quarta vez, numa apuração considerada fraudulenta. Os oposicionistas, formados por antigos federalistas de 93 e os chamados democratas de Fernando Abott, que havia lançado a ditadura do Dr. Assis Brasil, encararam o movimento de rebeldia.

38- Quais os principais chefes Revolucionários?
R: Leonel Rocha (região de Palmeiras); Felipe Portinho (planalto do nordeste); Estácio Azambuja (centro-sul); José Antônio Neto (Zeca Neto), no Sul. Todos tinham o posto de general.

39- E quais os principais chefes Legalistas?
R: General Firmino de Paula, Firmino Paim Filho, Coronel Flores da Cunha, Claudino Flores pereira (Comandante do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar de Santa Maria).Os legalistas obedeciam ao comando único, centralizado no Palácio do Governo, com assistência do Comando Geral da Brigada Militar, Cel. Emílio Massot, além de alguns oficiais do Exército, inclusive generais.

40- Quais foram os principais Combates?
R: Passo da Cruz, Santa Maria Chico (Dom Pedrito), em cujo combate o famigerado negro Latorre, o degolador de 93 "foi morto". O maior combate travou-se na ponte do Ibirapuitã, em Alegrete, que ficou banhada em sangue.



41- Como foi o fim da Revolução?
R: Após dez meses de duração, essa revolução foi a mais fraca de todas, não apresentando grandes combates decisivos. Entretanto, as duas facções se portaram como homens civilizados e humanos. A paz foi assinada, com o Tratado de Pedras Altas, em novembro de 23.

CAMPEIRA

42- Quando chegou o Cavalo no território do Sul?
R: O cavalo foi introduzido no atual território rio-grandense, em 1634, pelos padres jesuítas, nas Missões. Era a presença majestosa do primeiros cavalo, em nossa terra. Molhado pelas águas do rio Uruguai, pisou em solo, selando a convivência campeira das três pátrias irmãs: Uruguai, Argentina e Brasil. O cavalo era desconhecido dos nativos e em pouco tempo tornou-se o maior patrimônio guerreiro dos índios Charruas, Jarros, Guaranis, Minuanos, que habitavam a região do tape. Os Charruas foram os mais hábeis cavaleiros de nossa história. Muitas reduções jesuíticas receberam o cavalo pelos índios Jarros, nas investidas contra os Charruas.

43- O gaúcho denomina o cavalo pelo seu estilo. Quais são os mais conhecido?
R: CAVALO GAVIÃO: é o cavalo arisco ou haragano. Toma a ponta mandada, não se deixa pegar. É o cavalo matreiro e refugador de porteiras, mangueiras e mata-burros.
CAVALO FOGOSO: cavalo de explosão. Salta longe. Pede freio. A melhor forma de amansá-lo é colocá-lo na lida contínua e demorada. Bom serviço para perder o costume é acompanhar uma carreta, cuja monotonia da estrada faz perder a pressa.
CAVALO MARCHADOR: cavalo que anda em forma de marcha. São movimentos das patas dianteira e da traseira, do mesmo lado, ao mesmo tempo. Andar em forma de bailado, conduzindo o cavaleiro de forma baralhada. Dá a impressão, com sua ginga de corpo, de quere arrastar-se para caminhar.
CAVALO TAFONEIRO: cavalo que só atende para um lado. Próprio para puxar moinhos em círculos, engenhos de cana, etc.
CAVALO NEGADOR: é o cavalo que dá negadas. Atira-se para o lado, quando o peão alça a perna para montá-lo. Cavalo que a qualquer movimento dá uma brusca queda no andar, atirando o cavaleiro para outro lado. Cavalo que adquire defeitos depois de velho, geralmente refugando os elevados peso s carregados ou cargas barulhentas.
CAVALO APORREADO: cavalo com doma incompleta, por sua rebeldia. Cavalo caborteiro, solto ao campo por xucro e de doma impraticável. Potro respeitado pelos domadores, na condição de indomável. É usado somente para concursos de ginetes, nos rodeios e nas festas campeiras.
CAVALO PASSARINHEIRO: cavalo assustado e sestroso. Pingo que passeia na passarela, de um lado para outro da estrada. Cavalo que dá um prisco a cada movimento estranho na beira da estrada.
CAVALO PACHOLA: cavalo fogoso, garboso, disposto e que anda pedindo freio. Pingo de passear nos domingos. Próprio para desfiles nas passarelas. Cavalo faceiro, que desfila empinando.
CAVALO DOCE DE BOCA: cavalo que o domador castigou demais o bocal. Quebrou demais o queixo. Muito sensível de boca, nem bem sente o freio, já atende. Cavalo sem confiança. Chamado ainda de cavalo quebrado de boca.
CAVALO RUFIÃO: cavalo mal castrado. Porta-se como um garanhão, porém não tem poder de fecundação. Torna-se cavalo de mau engorde.
CAVALO CABANO: cavalo que tem as duas orelhas caídas, em forma de chapéu velho. Cavalo dito mocho e que trem fama de caborteiro.
CAVALO REIUNO: cavalo que anda de mão em mão. Cavalo sem marca. Que pertence à tropilha do Exercito Nacional.



44- A cor do pelo é uma grande referencia do cavalo. Algumas entre elas são:
R: Alazão, Baio, Branco, Bragado, Colorado, Gateado, Lobuno, Oveiro, Tordilho, Zaino.

45- Quais são as peças para encilhar o Cavalo?
R: Xergão: tecido grosso de lã; Carona de sola; Arreios: basto, serigote ou lombilho e a cincha; Pelegos;
Badana de couro fino; Sobre-cincha; Freio.

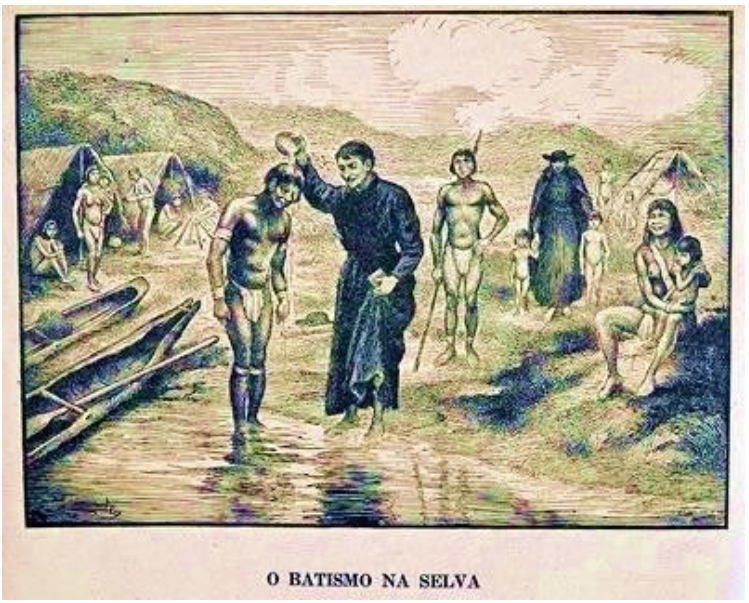
46- Quais são as provas campeiras oficiais de um rodeio?
R: Provas de Laço, Gineteadas, prova de Rédeas, Concurso de Pealo, Vaca Parada.

HISTÓRIA DO PARANÁ

47- Como se iniciou o povoamento no Paraná?
R: A presença colonizadora espanhola em território hoje paranaense teve início na segunda metade do século XVI, quando o governador do Paraguai, Irala, resolveu fundar vilas na região do Guairá, as quais tinham por objetivos:
1- subordinar os indígenas ali encontrados, pertencentes sobretudo a grande família tupi-guarani. Calculava-se seu número em 200.000, aproximadamente.
2- deter as contínuas penetrações portuguesas, predadoras de índios, para oeste da linha de Tordesilhas;
3- conseguir no futuro um porto marítimo para Assuncion, no Atlântico, aparecendo a Baía de Paranaguá como o local mais indicado para tanto.

48- Qual era o papel dos jesuítas?

R: Os padres da Companhia de Jesus andavam preocupados com a falta de eficiência do método de catequização até então empregado, o qual consistia em contínuas peregrinações entre as aldeias indígenas, onde batizavam e pregavam a palavra de Deus. Este sistema entretanto era pouco eficiente, visto que a falta do sacerdote numa aldeia acarretava o desleixo e o desinteresse dos indígenas neo-convertidos pela religião cristã, voltando facilmente à prática das antigas superstições. Guairá foi a primeira região que experimentou o novo sistema adotado pelos Jesuítas: as reduções. Os primeiros núcleos indígenas fundados pelos jesuítas, na região, foram os de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini, ambos localizados na margem esquerda do rio Paranapanema, sendo o de Loreto fundado em 1610, na foz do rio Pirapó. Nesta região os jesuítas encontraram aproximadamente 200 famílias, já batizadas anteriormente por padres da companhia. O núcleo pioneiro prosperou rapidamente e tornou-se a capital das reduções, onde passou a residir o padre superior da província do Guairá, nome pelo qual a antiga Província de Vera começava a ser designada.



O BATISMO NA SELVA

49- Quando se deu o povoamento no Litoral do Paraná?

R: Em 1543, o rei de Portugal, D. João III dividiu o Brasil em capitanias hereditárias. O litoral do sul ficou dividido em quatro capitanias, doadas a dois donatários: Martim Afonso de Souza e seu irmão Pero Lopes de Souza. A ambos os irmãos couberam dois quinhões. O de Martim Afonso de Souza era o mais setentrional e iniciava-se na altura de Macaé (hoje estado do Rio de Janeiro), indo até cerca de um terço da ilha de São Sebastião. Abrangia o cabo São Tomé, baía de Guanabara, Angra dos Reis e inclusive o território onde mais tarde foi fundada a vila de São Paulo. A segunda parte iniciava-se na barra de S. Vicente e terminava na barra da baía de Paranaguá, incluindo Itanhaem, Iguape e Cananéia. Ambos esses quinhões foram denominados Capitania de São Vicente.

50- Onde foi encontrado o Primeiro Ouro em terras brasileiras?

R: As primeiras descobertas, em quantidades razoáveis, foram feitas no litoral sul do Brasil. Segundo Antônio Vieira dos Santos, em 1578 já há muito se trabalhava nas minas de Iguape e Paranaguá. O cardeal rei D. Henrique recebeu como amostra um frasco, contendo ouro de Paranaguá. A região que produziu esse ouro era o território compreendido entre o rio Nhundiaquara e a baía de Antonina.

51- Como ocorreu a Fundação de Curitiba?

R: Conta uma antiga tradição que Soares do Valle, membro de uma conhecida família de São Paulo, desentendeu-se com o governador da Capitania e teve que fugir, devido a perseguição que lhe moveu o dito governador. Embrenhou-se então pelos sertões incultos, vindo a sair nos Campos Gerais paranenses, chegando às Campinas de Curitiba. Estabeleceu-se mais tarde com a família nos campos de Curitiba, na pequena povoação de nome Vilinha, localizada nas margens do riacho Atuba. Provavelmente por se tratar de uma região muito úmida, resolveram seus moradores mudar a sede da respectiva vila. Conta também uma antiga lenda que todas as manhãs, na capela do local, a imagem de Nossa Senhora da Luz, que ali se venerava, estava com o olhar voltado para o lado onde queria que se erigisse sua igreja definitiva. A lenda continua narrando que para ter sempre uma boa amizade com os indígenas, os povoadores deveriam convidar o cacique da tribo tinguí, que habitava a região, para indicar-lhes o local mais apropriado. Este cacique aceitou o convite e, depois de procurar demoradamente um bom lugar, fincou uma vara no chão dizendo “CORÉ – ETUBA”, isto é, “muito pinhão”, “aqui”. Desta expressão do cacique tingui surgiria o nome da futura capital dos paranaenses.



52- Como ocorreu Ocupação dos Campos Gerais?

R: Entende-se por Campos Gerais uma estreita e alongada faixa de terras no segundo planalto paranaense, formada de campos e entremeada de pequenos bosques de matas, que se estende de Jaguariaíva até a margem direita do rio Negro, passando pela Lapa. Sua ocupação ocorreu pela expansão paulista no Brasil, a qual, na região, não seguiu o modelo tradicional de trazer família, escravos, padres agregados, etc. Para os Campos Gerais, não houve translado de uma sociedade inteira. A ocupação desses campos foi encarda como um negócio para ser explorado e dar lucro.

53- De que forma se deu a Evolução da Província do Paraná?

R: O período provincial no Paraná teve uma duração de 36 anos, desde 1853 a 1889, quando o Brasil aderiu ao regime republicano de governo. No Paraná podemos dividir o período provincial em duas fases:
1- de 1853 até a Guerra do Paraguai (1864-1870); 2-do término desta guerra até 1889.
O primeiro período caracteriza-se pela nomeação ao cargo de presidente, de políticos procedentes de outras províncias do império. No segundo período, ocorre um aumento da autonomia da província, iniciando esta sua libertação da tutela que o governo imperial exercia. O Paraná foi muito beneficiado por ter como seu primeiro presidente o baiano Zacarias Góes e Vasconcelos, homem de grande visão política e administrativa, que soube orientar os primeiros passos da jovem província, de maneira dinâmica e eficiente. No dia seguinte ao de sua posse tomou importante decisão, ao encarregar pessoas competentes de realizarem um estudo minucioso das condições e possibilidades das estradas que ligavam Curitiba ao Litoral. Outro importante acontecimento no início do seu governo foi a confirmação da cidade de Curitiba como capital, apesar das pretensões que tinham dessa regalia as cidades de Paranaguá e Guarapuava. Além disso, no seu governo se fez:

a- a divisão da província em três comarcas: Curitiba, Paranaguá e Castro;
b- a criação de uma Companhia Policial, a fim de proporcionar aos cidadãos maior segurança individual;
c- o início da construção da estrada que ligaria Curitiba a Antonina, a conhecida estrada da Graciosa;
d- a organização de várias escolas primárias e a criação das cadeiras de francês e inglês no Liceu Paranaense.

54- Durante a Revolução Federalista no Paraná, qual foi o papel dos Federalistas do Rio Grande do Sul?

R: O Marechal Floriano suspeitava das tendências políticas monárquicas e parlamentaristas de Silveira Martins, líder político gaúcho. Por esta razão, Floriano aproximou-se de Júlio de Castilhos na luta comum contra Silveira Martins, apesar de Castilhos ter apoiado o Marechal Deodoro. Nas eleições para governador do Estado, saiu vitorioso Júlio de Castilhos. Os federalistas, partidários de Silveira Martins, inconformados com a derrota, procederam a invasão do Estado em 1893, com tropas procedentes do território uruguaio, onde se haviam organizados. Desde o início da revolução, ambos os grupos receberam apelidos populares, pelos quais passaram a ser chamados. Os florianistas, que eram os legalistas, ficaram conhecidos por “pica-paus”, devido ao tipo de armamento que usavam. Os federalistas receberam a alcunha de “maragatos”, que é um termo pejorativo de origem castelhana que significa “pessoa desqualificada”. O Papel do Paraná foi decisivo nesta revolução sangrenta. Proporcionou ao governo central do Marechal Floriano, na época o símbolo da República e da legalidade, o tempo suficiente para a aquisição de uma esquadra, bem como para a organização, em São Paulo, das forças necessárias para deter e repelir o avanço das tropas federalistas. A prolongada resistência da Lapa foi decisiva na concretização destes planos e impediu o ataque ao Estado de São Paulo, o qual desta forma teve o tempo necessário para mobilizar-se.

55- Como ocorreu o Cerco da Lapa?

R: O Coronel Gomes Carneiro, após receber o comando do General Argollo, teve como preocupação máxima a organização da defesa da cidade. A 14 de janeiro, as forças do Coronel Carneiro foram atacadas, depois de algumas escaramuças por contingentes agrupados e chefiados por Gumercindo Saraiva, Aparício Saraiva, Jaques Ouriques, “Juca Tigre” e outros. Gomes Carneiro, cercado na Lapa,

pediu auxílio à Curitiba e à Divisão do Norte de Pinheiro Machado, mas ninguém lhe respondeu. A única solução encontrada pelo militar foi a resistência total. A cidade foi violentamente bombardeada pela artilharia federalista. Foram rechaçadas todas as propostas de rendição formuladas pelos federalistas. Dia a dia, o cerco da cidade aumentava e os combates já se travavam corpo a corpo pelas ruas e escombros da cidade. A eficiente e pertinaz resistência oferecida por Carneiro irritava o adversário, que apertou ainda mais o cerco. A 7 de fevereiro, Gomes Carneiro recebeu um ferimento grave e dois dias após veio a falecer. A fome e a falta de munição instalaram-se entre os sitiados. Não chegava nenhum auxilio. A continuação da resistência seria inútil.

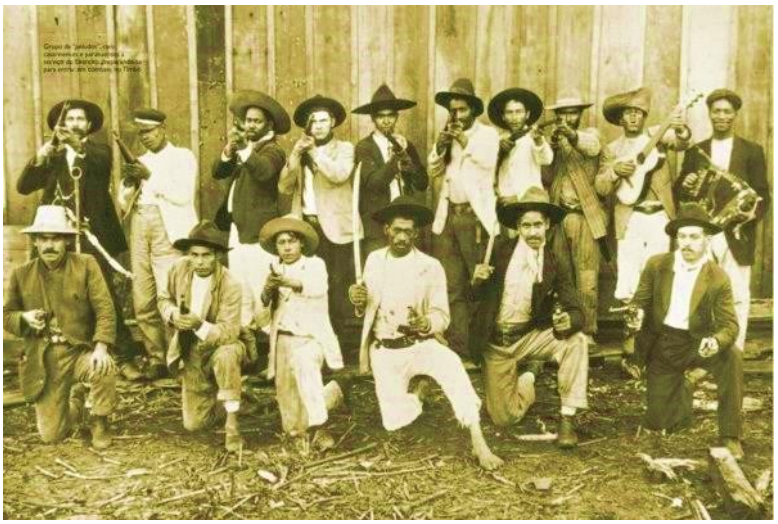
56- O que foi o CONTESTADO?

R: O problema de fronteiras entre os dois estados vizinhos Paraná e Santa Catarina era negligenciado pelas autoridades paranaenses. Esta desatenção, por parte dos homens públicos, vinha dos seguintes fatos:

a- Portugal obtivera da Espanha os territórios a oeste da linha de Tordesilhas, porque possuía o "uti-possidetis", detinha o domínio ou uso dessas terras;

b- O Brasil obtivera ganho de causa com a Argentina na "Questão de Palmas" em virtude de possuir a seu favor o mesmo princípio. A administração e a população desse território eram brasileiras e paranaenses e não argentinas;

c- A constituição brasileira de 1891 previa que os casos de fronteira entre os Estados da Federação seriam resolvidos politicamente e não juridicamente. Logo, as fronteiras estaduais só poderiam ser definidas, mediante aquiescência das respectivas Assembléias Legislativas.



57- O que foi o Estado das Missões?

R: A maioria das lideranças políticas do território entregue pelo judiciário a Santa Catarina, negavam-se em aceitar a administração catarinense. Julgavam que seriam esquecidos e pulverizados pelo governo de Florianópolis. Era praticamente um pensamento unânime dessas lideranças e do próprio governo paranaense, o de que nunca deveriam passar para a administração do vizinho Estado. Se isso forçosamente ocorresse, deveriam lutar para formar um Estado próprio em todo o território contestado. Esta idéia vingou e imediatamente foi escolhido o nome da futura provável nova unidade da federação: Missões. Foi confeccionada uma bandeira e formado um governo provisório em União da Vitória. O Estado do Paraná assinou um compromisso com esse novo governo provisório, do "Estado das Missões": tudo seria feito para o Paraná recuperar o Contestado. Se isso não fosse possível, o Estado do Paraná apoiaria a criação do novo Estado da federação. A situação voltou a ficar tensa e uma nova conflagração armada começou a ser possível na região. Foi então que interveio na questão o presidente da República, Wenceslau Braz. Era preciso evitar a qualquer custo um novo conflito bélico. Por outro lado, Santa Catarina ficou temerosa com a perspectiva de ficar reduzida a um território compreendido entre a Serra do Mar e o Litoral. Resolveu então ceder e negociar com o Paraná a definição de suas fronteiras. O Paraná cedeu o chamado "Contestado Norte": Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas e os territórios a oeste do rio do Peixe ficaram divididos a "grosso modo" pelo divisor de águas entre as bacias do Iguaçu e Uruguai. Era a chamada linha Wenceslau Braz. Desta forma, o Paraná recuperou o sudoeste (Palmas e Clevelândia) e perdeu as terras da vertente do rio Uruguai. O Paraná contentou-se com 20.000 Km2 e Santa Catarina com 28.000 Km2. O acordo definitivo foi assinado em 1916 e as respectivas Assembléias Legislativas ratificaram o estabelecido.

58- Qual foi a importância do Tropeirismo no Paraná?

R: Foi o tropeiro um personagem típico de nossa sociedade de antigamente. O dono das tropas não era um homem pobre. O tropeiro desempenhava por conta própria o trabalho do correio, numa época em que o mesmo era praticamente inexistente no interior; era o homem que trazia as notícias dos últimos acontecimentos aos vilarejos por onde passava; era também o portador de bilhetes, recados e o intermediário de muitos negócios. Os tropeiros paranaenses eram chamados de Biriva ou Biriba. Os tropeiros gaúchos, acostumados à lida na campanha, dependiam muito dos Birivas para cruzar matas de cima da serra e conduzir a tropa até Sorocaba. Era o Biriva que tinha um conhecimento maior das matas e



elevações dos caminhos que deveriam cruzar. Foi ainda o tropeiro paranaense que trouxe para o Paraná inúmeros termos de origem castelhana, como por exemplo: churrasco, chimango, charque, rabicho, arroio, bombacha, poncho, rincão, coxilha, estância, etc, termos estes que estão definitivamente incorporados ao linguajar paranaense e sem dúvida nenhuma no vocabulário gaúcho.

59- Quais os caminhos que surgiram durante o tropeirismo?

R: 1.1- O PEABIRU

Nome de origem tupi, que os índios davam ao caminho Transcontinental que ligava o Peru, no Oceano Pacífico, com São Vicente, no Atlântico. É um caminho pré-colombiano, existente antes do descobrimento da América. O Peabiru partia de São Vicente ou de Cananéia no litoral paulista, atravessava a escarpa do mar, penetrando pelo vale do rio Ribeira do Iguape, transpunha os Campos Gerais, ultrapassava os rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e pelo vale deste último atingia a região das Sete Quedas no rio Paraná; atravessava este rio, penetrava em território paraguaio e, vencendo a Cordilheira dos Andes, terminava no litoral peruano. Possuía numerosas ramificações para o norte e para o sul

1.2- CAMINHO DA GRACIOSA

Ao que tudo indica, essa estrada fora antigamente uma picada pela qual os índios, localizados no planalto, desciam ao litoral. Posteriormente, os faiscadores de ouro avivaram-na ao subirem pela escarpa, em direção ao planalto. Os viandantes que faziam a ligação entre a marinha e o interior, decidiram abandonar este caminho, em virtude de ser mais extenso do que os outros existentes. Apesar das várias tentativas que houve, no sentido de proporcionar-lhe condições de trânsito de muares, pouca coisa de concreto se fez.

1.3- CAMINHO DE ITUPAVA

Conta uma antiga tradição popular que alguns caçadores da Borda do Campo (campos localizados entre Curitiba e a escarpa do mar), perseguindo uma anta, vieram a matá-la próximo a Porto de Cima. No trilho percorrido pelos caçadores, foi aberta uma picada, que deu origem ao caminho de Itupava. Inicialmente, tal como o da Graciosa, só dava trânsito aos pedestres. A preferência que os tropeiros manifestavam por esse caminho, em detrimento do da Graciosa, tinha as seguintes razões:

1- O caminho de Itupava era mais curto. A travessia da escarpa, desde Curitiba, levava apenas dois dias, enquanto que, pela Graciosa, quatro dias;

2- A simpatia e a solidariedade dos tropeiros para com os comerciantes de Morretes, onde possuíam inúmeros amigos e fregueses.



1.4- CAMINHO DO ARRAIAL

Este caminho foi aberto pelos faiscadores de ouro estabelecidos no chamado Arraial Grande, no atual município de São José dos Pinhais. Dos três caminhos existentes para o litoral, era o que apresentava os maiores inconvenientes. Atravessava a escarpa em lugares muito estreitos e perigosos. Na descida da Serra, passava pelas margens de dois ribeirões, os quais impediam totalmente o trânsito por ocasião das chuvas, por sinal muito freqüentes.

1.5- ESTRADA DA MATA

A comunicação dos Campos Gerais paranaenses com São Paulo é bastante antiga; porém, somente no século XVIII é que vai definir-se a denominada Estrada da Mata. Era, na realidade, um caminho ou simplesmente uma picada, que comunicava os campos do Rio Grande do Sul até a tradicional feira paulista de Sorocaba. O gado transportado do Rio Grande do Sul era revendido em Sorocab a e conduzido até as Minas Gerais. Não foi só o trânsito do gado bovino que caracterizou a Estrada da Mata; também as tropas de muares dominavam em seu trajeto. Realizavam as tropas de muares um ativo

comercio entre as vilas do interior paulista e gaúcho. Tinha esse caminho vital importância, pois era o único que fazia a ligação do Rio Grande do Sul com São Paulo pelo interior.

60- Como se deu o início da utilização da Erva Mate?



R: A erva-mate, antigamente denominada de congonha, é uma arvore nativa das florestas regionais. Sua utilização como bebida já foi descoberta pelos índios paranaenses. Os jesuítas das reduções do Guairá chamaram-na de "erva do diabo", porque os indígenas atribuíam-lhe poderes de descontrole das emoções. Em virtude disso, os jesuítas chegaram a proibir sua utilização pelos indígenas. A erva-mate, Erva do Paraguai ou "ILEX PARAGUARIENSIS", como a denominou o sábio francês Saint-Hilaire, foi o mais original complexo cultural da região de Curitiba e dos Campos Gerais. Trata-se de um arbusto que chega a ter até 12 metros de altura, cujas folhas constituem sua parte mais importante. É uma riqueza espontânea que se renova em cada safra. Quanto mais se colhe, mais abundante ela se torna. Pode ser podada de 2 em 2 anos ou de 3 em 3 anos, dependendo do solo e da tecnologia aplicada.

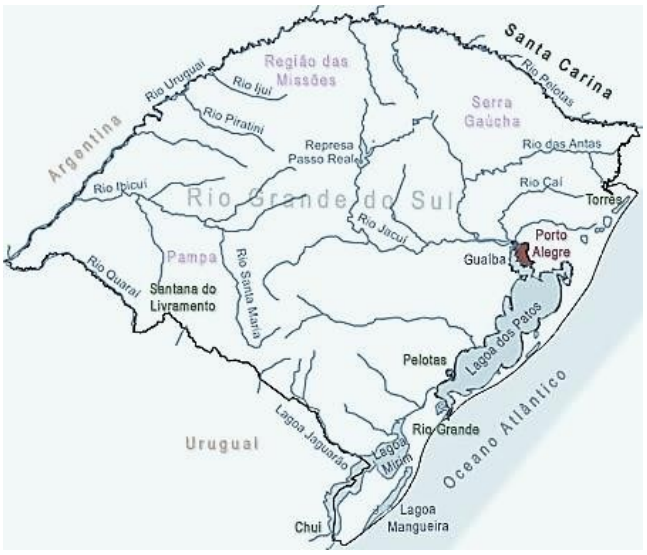
61- Quais são as propriedades da Erva Mate?

R: Estimulante, digestivo, proporcionando ao corpo maior resistência às fadigas, sobretudo nas longas caminhadas. É também eficiente na digestão de alimentos pesados como o charque, o pinhão, feijão, etc, muito usados no sul do Brasil.

62- Qual foi a importância econômica da Erva Mate para o Paraná?

R: Pode-se dizer, também, que para se conhecer a História do Paraná, principalmente do Paraná tradicional, é necessário se conhecer a produção, embalagem, transporte e comercialização da erva-mate. Durante mais de cem anos – de 1820 a 1930 – a erva-mate foi absoluta na economia e em toda vida paranaense. Era a principal riqueza produzida. Toda a vida econômica, social, política, cultural, girava em torno da erva-mate. Conhecendo o processo cultural da erva-mate, conhece-se a História do Paraná daquele período. Samuel Guimarães da Costa afirmou que o estudo da economia ervateira é importante porque foi "o ciclo mais autônomo, mais prolongado e estável da História do Paraná". Ao contrário do ciclo do ouro, do gado, da madeira ou do café, a economia ervateira "não esteve sob o controle de outros Estados, permitindo que o Paraná criasse em torno dela sua própria elite dirigente, com influência sobre as diretrizes governamentais que melhor convinham a seus interesses, embora pudesse ser vítima de seus próprios erros". No dizer do professor Francisco Magalhães Filho "o mate estimulou o desenvolvimento de uma nova classe social: a burguesia". O Mate foi tão importante que era a própria Província do Paraná, que foi criada em 1853, em seu nome e sob a sua influência.

Geografia do Rio Grande do Sul



63- Quais os Limites do território do Rio Grande do Sul?

R: Norte – Santa Catarina; Sul – República Oriental do Uruguai; Leste – Oceano Atlântico; Oeste – República Argentina.

64- Quais as Formas de Relevo?

R: Planalto meridional, Planícies, Montanhas, Morros, "Canyons" e Praias extensas.

65- Qual é o Clima predominante do território rio grandense?

R: Subtropical

66- Quais os principais rios?

R: Uruguai, Ijuí, Jacuí, Guaíba, Caí, Taquari, Ibicuí, Pelotas, Camaquã, Sinos, Vacacaí.

67- Quais os tipos de vegetação encontradas no Rio Grande do Sul?
R: Mata de Araucária, Campanha (campos), Mata atlântica e vegetação litorânea.

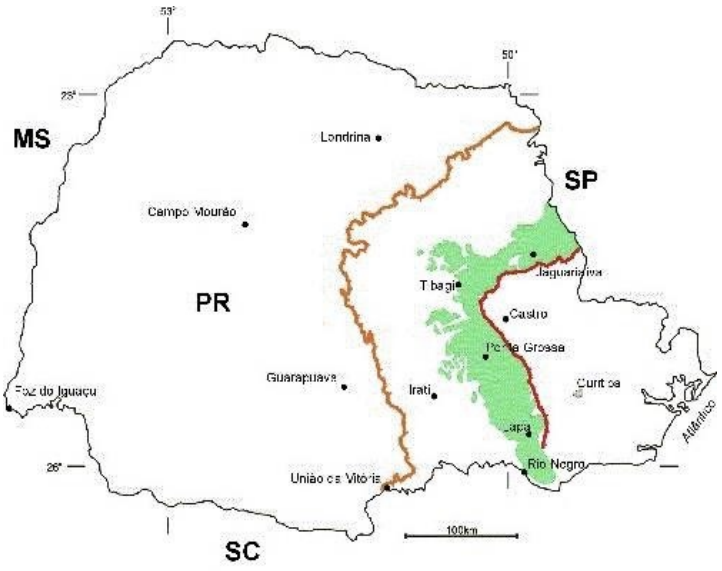
68- Quais as principais lagoas do território?
R: Lagoa dos Patos, Mirim e Mangueira.

69- Quais os principais setores da economia gaúcha?
R: É baseada na agricultura (soja, trigo, arroz e milho), na pecuária e na indústria (de couro e calçados, alimentícia, têxtil, madeireira, metalúrgica e química). Há que ressaltar o surgimento de pólos tecnológicos importantes no Estado na década de 1990 e no início do século XXI, nas áreas petroquímica e de tecnologia da informação.

70- Quais os principais grupos étnicos do Rio Grande do Sul?
R: Portugueses, índios, espanhóis, italianos, alemães, açorianos.

Geografia do Paraná

71- Quais os Limites do território do Paraná?
R: São Paulo ao norte e nordeste; com Santa Catarina ao sul; com Mato Grosso do Sul a noroeste; com o Paraguai a oeste; e com a Argentina a sudoeste.



72- Quais as Formas de Relevo?
R: Litoral, Serra do Mar, 1º Planalto ou Planalto de Curitiba, 2º Planalto ou Planalto de Ponta Grossa e 3º Planalto ou Planalto de Guarapuava.

73- Qual é o Clima predominante do território paranaense?
R: Subtropical

74- Quais os principais rios?
R: Iguaçu, Tibai, Negro, Potinga, Jangada, Ivaí, Paranapanema, Pirapó.

75- Quais os tipos de vegetação encontradas no Paraná?
R: Mata de Araucária, Campos, Mata atlântica e vegetação litorânea.

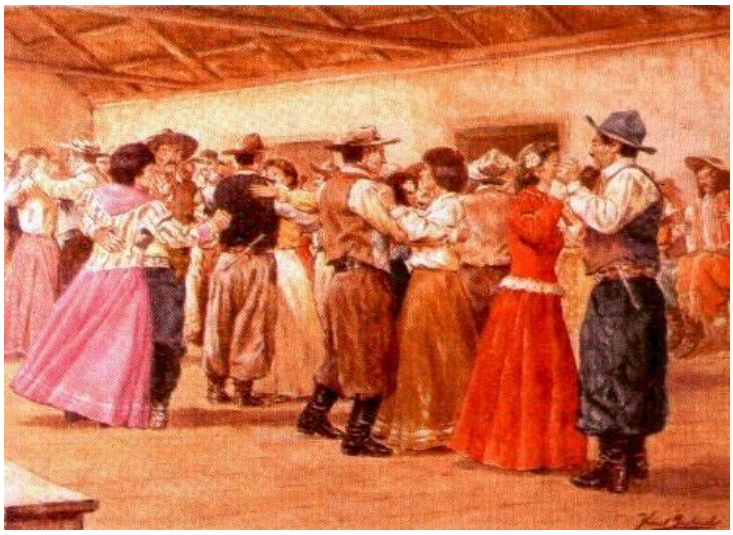
76- Quais os principais setores da economia paranaense?
R: A economia do Paraná baseia-se na agricultura (cana-de-açúcar, milho, soja, trigo, café, mandioca), na indústria (agroindústria, indústria automobilística, papel e celulose) e no extrativismo vegetal (madeira e erva-mate). Entre as atividades econômicas desenvolvidas no Paraná, destacam-se a agricultura e a pecuária, além de um setor industrial em franca expansão. O rebanho bovino soma 9,5 milhões de cabeças; o suíno, 4,2 milhões; e o ovino, 570 mil. A avicultura conta 125 milhões de galináceos.

77- Quais os principais grupos étnicos do Paraná?
R: Portugueses, índios, espanhóis, italianos, alemães, eslavos (poloneses e ucranianos) sírios-libaneses, japoneses.

78- Qual é a maior usina hidrelétrica do mundo localizada no Paraná?
R: Usina de Itaipu, também chamada de Bi-Nacional.

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

79- Qual é a dança folclórica típica do Paraná?
R: É o Fandango dançado no litoral, usando tamancas de madeira, de origem portuguesa.

80- Quais são as danças de salão dançadas em um baile gaúcho e suas origens?

R: CHAMAMÉ: A dança originou-se na tribo indígena "Kaiguá", entre Brasil e Corrientes, pelos índios era conhecida como "Polkakirei", uma polca movida em ritmo ágil e contagiante, a palavra chamamé teria origem na frase "Che amoa memé" que significa "te protejo". Da forma que foi introduzida no Sul do Brasil já se perdera parte de sua originalidade. Tomou novas formas, outros instrumentos foram sendo introduzidos e este ritmo se tornou um dos mais empolgantes do nosso Fandango Gaúcho.
MILONGA: Segundo Câmara Cascudo, na língua Bunda, da República de Camarões, Melunga no plural torna-se Milonga, palavra que, por volta de 1829, em Pernambuco, significa enrolação, conversalhada, enredo. Popular no subúrbio de Montevideo e de Buenos Aires ao final do século XIX é canto e dança do tipo da habaneira e do Tango Andaluz. No Rio Grande do Sul, a Milonga foi introduzida ao som da viola que acompanhava os pajadores, logo em seguida outros instrumentos musicais foram sendo adaptados a este ritmo. Acredito que a Milonga seja o ritmo mais romântico dos fandangos gaúchos, acho que os compositores escolheram a Milonga para declarar seus amores, seus romances.
CHOTE: O chote pode ter tido sua origem na Hungria, mas existem muitas divergências a este respeito. De acordo com Câmara Cascudo, o chote teve sua aparição no Brasil graças ao professor de danças Julles Transsaint, que em 28 de junho de 1851 lançou o chote com sucesso no Rio de Janeiro. Além do Sul do Brasil o Chote também é muito executado no nordeste brasileiro nos famosos bailes chamados de Forró.
VANEIRA: Sem sombra de duvida, a vanera é o ritmo mais apreciado e mais executado nos bailes gaúchos. Ritmo afro-cubano a Habaneira influenciou vários ritmos dos paises hispano-americanos sendo difundida na Espanha. Conhecida também como Havaneira, acredita-se que seu nome tenha sido uma homenagem a capital de Cuba, Havana ou também como é conhecida La Habana. Chegou ao Brasil por volta de 1866 e influenciou não só ritmos do Sul como também o samba canção dos cariocas.
No Sul, a Vaneira ou vaneira ganhou outros nomes, de acordo com o andamento da música. Vaneirinha para ritmo lento, vaneira para ritmo moderado e vaneirão para ritmo rápido.
VALSA: Ritmo que não pode faltar nas festas mais tradicionais da nossa sociedade: casamentos, aniversários, nos bailes de sarau. A valsa a muito tempo vem sendo a rainha das danças de salão, homenageada pelos maiores compositores da história como por exemplo Mozart, Bethoven, Strauss, entre outros. Sua origem mais recente é das danças rústicas Alpinas da Áustria. Ao Brasil este ritmo chegou por volta de 1816 quando era muito dançada no Primeiro e Segundo Império e esta acabou caindo nas graças do povo. Para o Sul, a Valsa foi trazida pelos imigrantes alemães e assim como outros ritmos ganhou características regionais tanto na música quanto na dança.
BUGIO: Quando falamos em Bugio, lembramos do primata das matas do sul do Brasil, macaco de pelos avermelhados que em muitas de suas atitudes imita ou se parece com o ser humano. Segundo Paixão Cortes e Barbosa Lessa, em pesquisa realizada por volta de 1940 encontram na região das Missões, Planalto e Serra Gaúcha o Bugio sendo dançado em todas as classes sociais. Inicialmente o Bugio era tocado em gaita ponto, ou popularmente como é chamada de gaita de voz trocada que ao abrir e fechar fole tirava-se sons que pareciam ser o do ronco do Bugio, e é assim que surge o ritmo essencialmente gaúcho que tem como sua principal característica o jogo de fole. Mas a relação com o primata não para por ai , pois nos passos da dança imitamos o Bugio na forma de caminhar dando pequenos saltos, ora para um lado, ora para outro.
RANCHEIRA: Criada a partir do ritmo Mazurca, que se difundiu pelo Brasil quando do surgimento do rádio, a Rancheira tem sua característica própria diferenciando-se por ter sua acentuação forte no 1° tempo da Música e não no 2° tempo como é o caso da Mazurca. A Rancheira é dançada de forma enlaçada, mas no Sul do Brasil encontramos uma variação onde os dançarinos formam duas fileiras, de

um lado os peões com a frente do corpo voltada para a extremidade do salão e do outro as prendas, de costas para as extremidades do salão e de frente para o seu par, formando uma espécie de túnel, podendo ser de mãos dadas ou não. O último par a direita dos peões passa por dentro do túnel se posicionando na outra extremidade, todos os pares executam este movimento (figuras) de forma que este trenzinho ande pela sala .

81- Quais são as principais danças do Folclore Gaúcho e suas origens?
R: Anú: Dança típica do fandango gaúcho, é o nome de um pássaro negro, que habita os campos do RS.
Balaio: Dança brasileira, procedente do Nordeste.
Cana-Verde: Originária de Portugal.
Caranguejo: Dança de origem brasileira, com mescla portuguesa.
Chimarrita: Trazida pelos açorianos.
Chimarrita Balão: Pode ser uma variação do "balão" dançado em Portugal ou do "balão faceiro", dançado no Brasil.
Chotes Carreirinho: Dança folclórica gaúcha, originária do francês schottinh trazido pelos imigrantes alemães.
Chote das Sete Voltas: Também de origem francesa.
Chote Inglês: Dança de salão difundida nas cidades brasileiras no final do século XIX, por influência da cultura inglesa.
Chote de Quatro Passi: Também conhecida como “Chote A La Italiana”. É dança vigente na região colonial italiana.
Maçanico: É dança gaúcha, mas sofre influência dos motivos coreográficos portugueses.
Meia Canha: Dança de provável origem espanhola.
Pau de Fitas: É tida como dança universal, pois não se consegue encontrar o ponto geográfico de origem. Ela surge de todos os lados e em todos os povos.
Pezinho: Originária de Portugal e Açores.
Quero-Mana: Também é originária de Portugal e Açores. Dança dos antigos fandangos.
Rancheira de Carreirinha: A rancheira foi muito popular no Uruguai e Argentina.
Rilo: Vinda da Escócia.
Roseira: Uma das danças regionais sul-riograndense onde se percebe maior parentesco com danças regionais de Portugal.
Sarrabalho: Tem origem na Ibéria.
Tatu com volta no meio: Originalmente, o Tatu não tinha a "volta no meio" e é de origem Espanhola. Dança mais popular do glorioso Decênio Farroupilha.
Tatu de castanholas: É uma dança rio-grandense, criada em 1954, para homenagear a Sociedad la Criolla, que visitava Porto Alegre. Originou-se no 35 CTG.
Tirana do lenço: Dança espanhola muito difundida na América Latina.
Chote de Duas Damas: É uma bonita variante do chote, em que um peão dança com duas prendas, possivelmente reproduzindo o que acontecia na Alemanha.



82- Quais são as manifestações folclóricas infantis mais populares?
R: Brinquedos de papel (raias ou papagaios), brinquedos com objetos (peteca, iôiô), brincadeiras escritas (forca), jogos de pegar (mãe de esconder, mãe de pegar), brincadeiras contadas (bombarqueiro), pular corda, batatinha quente, carrinhos de madeira, tropa de osso, 5 marias, bonecas de pano.

83- Quais são as Lendas mais populares?
R: Lenda do Boi-Tatá, Lenda do Sepé Tiarajú, Mãe Mulita, Negrinho do Pastoreio, Gralha Azul, formação de Vila Velha, Naipi e Tarobá.

84- Quais são os pratos típicos mais consumidos na parte campeira?
R: Arroz Carreteiro – charque, arroz, cebola picada e graxa de gado; Churrasco – carne, temperada com sal grosso, assada sobre as brasas; Puchero – fervido de carne com legumes, batata doce, lingüiça, mandioca, milho verde, abóbora, batata inglesa, etc. servido com pirão de farinha de mandioca; Mocotó – patas, coalheira, mondongo, tripa grossa, lingüiça, cebola, feijão branco, óleo, tomate, ovos e sal.

85- Quais são os principais símbolos do Paraná e do Rio Grande do Sul?
R: Árvore símbolo do Rio Grande do Sul: Erva Mate; Árvore símbolo do Paraná: Pinheiro Araucária; Ave símbolo do Rio Grande do Sul: Quero-Quero; Ave símbolo do Paraná: Gralha Azul.

86- O que significa TRADIÇÃO?
R: É uma palavra com origem no termo em latim traditio, que significa "entregar" ou "passar adiante". A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura.

87- O que significa TRADICIONALISMO?
R: Conjunto de valores ultrapassados que se confrontam com as mudanças instituídas pelos atores sociais. Fazer tradicionalismo é ensinar a sua própria cultura ou o que é tradicional.

88- O que significa TRADICIONALISMO GAÚCHO?
R: É um movimento cívico-cultural que valoriza e preserva as tradições gauchescas do Rio Grande do Sul. Tradicionalismo gaúcho, ou movimento tradicionalista rio-grandense, que deriva do termo tradicionalismo - sistema filosófico que coloca a tradição como critério e regra de decisão - foi criado por João Cezimbra Jacques que sonhava com um movimento que unisse e congregasse a família gaúcha em torno de ideais comuns. Cezimbra Jacques, pensando nisso, fundou, em Porto Alegre, a 22 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho.



89- O que significa NATIVISMO?
R: Os valores do culto à Tradição mais característicos do Rio Grande do Sul são o nativismo, a coragem, a hospitalidade, a honra, o respeito à palavra empenhada, o cavalheirismo, além de outros. Assim, vê-se desde logo que o Nativismo não é um culto, como a Tradição, mas um dos valores desse culto. Nativismo é o amor que a pessoa tem pelo chão onde nasceu, onde é nato. Os gaúchos tem em seu vocabulário duas palavras muito bonitas ligadas ao Nativismo: pago e querência. Pago é onde se nasceu. Querência é onde se vive. Às vezes se confundem, porque é muito comum as pessoas nascerem e viverem no mesmo lugar. Às vezes, não. Um diálogo muito comum é este: “De onde tu és cria, vivente?” “Eu sou dos pagos do Alegrete, mas estou aquerenciado em Porto Alegre”.

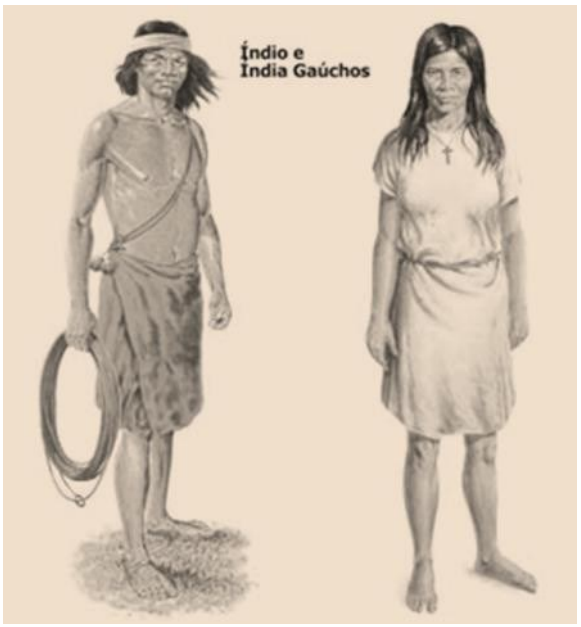
Indumentária Gaúcha

90- Quais são os 4 Trajes fundamentais da Indumentária Gaúcha?
R: Chiripá Primitivo; Bragas (Estancieiro), Chiripá Farroupilha e Bombacha.

91- Como era o Traje do Índios Gaúchos?
R: Traje Indígena - 1620 à 1730. Quando o homem que veio fazer a América - e se vestia à européia - aqui chegou encontrou, nos campos, índios missioneiros e índios cavaleiros. Índios Missioneiros: (Tapes, Gês-guaranizados) - constituíam a matéria-prima trabalhada pelos padres jesuítas dos Sete Povos. Os Missioneiros se vestiam, conforme severa moral jesuítica. Passaram a usar os calções europeus e em seguida a camisa, introduzida nas missões pelo Padre Antônio Sepp. Usavam, ainda, uma peça de indumentária não européia, proximamente indígena - "el poncho" - isto é, o pala bichará. Essa peça de indumentária não existia no Rio Grande do Sul antes da chegada do branco, pois os nossos índios pré-missioneiros não teciam e nem fiavam. Os Padres descobriram a atração que as vestes religiosas e as fardas militares exerciam sobre os índios e distribuíram essas roupas entre eles. Assim, figurar o Alferes Real Sepé Tiarayu, desnudo ou vestindo chiripá, é erro grosseiro. Ele usaria a farda correspondente ao seu alto grau militar, ou vestir-se-ia civilmente, com bragas, camisa e poncho. A mulher missioneira, usava o "tipoy", que era um longo vestido formado por dois panos costurados entre si, deixando sem costurar, apenas duas aberturas para os braços e uma para o pescoço. Na cintura, usavam uma espécie de cordão, chamado "chumbé". O "tipoy" era feito de algodão esbranquiçado, mas em

seguida se tornava avermelhado com o pó das Missões. Em ocasiões festivas, a índia missioneira gostava de usar um alvo "tipoy" de linho sobre o de uso diário. Apenas nas vestes religiosas, sobre tudo nas procissões, as índias usavam mantos de cores dramáticas, como o roxo e o negro. Índios cavaleiros: (Mbaias: Charruas, Minuanos, Yarós, etc): eram assim chamados porque prontamente se adonaram do cavalo trazido pelo branco, desenvolvendo uma surpreendente técnica de amestramento e equitação.

Usavam duas peças de indumentária absolutamente originais: o "chiripá" e o "cayapi". O chiripá era uma espécie de saia, constituída por um retângulo de pano enrolado na cintura, até os joelhos. O cayapi dos minuanos era um couro de boi, inteiro e bem sovado (que se usava às costas) com o pêlo para dentro e carnal para fora, pintado de listras verticais e horizontais, em cinza e ocre. À noite, servia de cama, estirado no chão. Os charruas o chamavam de "quillapi" e "toropi". A mulher, entre os índios cavaleiros, usava apenas o chiripá. No rosto, pintura ritual de passagem, assinalando a entrada na puberdade. No pescoço, colares de contas ou dentes de feras. De peças da indumentária ibérica, de peças da indumentária indígena e tantas outras, o gaúcho foi constituindo sua própria indumentária.



92- Como era o Traje do Chiripá Primitivo?

R: Peão das Vacarias e China das Vacarias. Traje Gaúcho - 1730 à 1820. O traje do peão das vacarias destinava-se a proteger o usuário e a não atrapalhar a sua atividade - caçar o gado e cavalgar. Normalmente, este gaúcho só usava o chiripá primitivo (pano enrolado como saia, até os joelhos, meio aberto na frente, para facilitar a equitação e mesmo o caminhar do homem) e um pala enfiado na cabeça. O chiripá, em pouco tempo, assumia uma cor indistinta de múgria - cor de esfregão. À cintura, faixa larga, negra, ou cinturão de bolsas, tipo guaiaca, adaptado para levar moedas, palhas e fumo e, mais tarde, cédulas, relógio e até pistola. Ainda à cintura, as infaltáveis armas desse homem: as boleadeiras, a faca flamenga ou a adaga e, mais raramente, o facão. E sempre à mão, a lança - de peleia ou de trabalho. Camisa, quando contava com uma, era de algodão branco ou riscado, sem botões, apenas com cadarços nos punhos, com gola imensa e mangas largas. Pala, não faltava, comumente, o de lã - chamado "bichará"- em cores naturais, e mais raramente o de algodão e o de seda que aos poucos vão aparecendo. Logo, também surge o poncho redondo, de cor azul e forrado de baeta vermelha. Pala: tem origem indígena. Pode ser de lã ou algodão, quando protege contra o frio, ou de seda, quando protege contra o calor. É sempre retangular com franjas nos quatro lados. A gola do pala é um simples talho, por onde o homem enfia o pescoço. Poncho: Tem origem inteiramente gauchesca. É feito, invariavelmente, de lã grossa. Quase sempre é azul escuro, forrado de baeta vermelha, mas também existem de outras combinações de cores. O poncho tem a forma circular ou ovalada. Só protege contra o frio e a chuva. A gola é alta, abotoada e há um peitilho na frente do poncho. As botas mais comuns eram as de garrão-de-potro, que eram retiradas de vacas, burros e éguas (raramente era usado o couro de potro, que lhe deu o nome). Essas botas eram lonqueadas ou perdiam o pêlo com o uso. Em uso, as botas não duravam mais de 2 meses. Normalmente, eram feitas com o couro das pernas traseiras do animal que dão botas maiores. As que eram tiradas das patas dianteiras, muitas vezes eram cortadas na ponta e no calcanhar, ficando o usuário com os dedos do pé e o calcanhar de fora. Acima da barriga da perna, era ajustada por meio de tranças ou tentos. As esporas mais comuns nessa época eram as nazarenas (européias) e as chilenas (americanas). As nazarenas têm esse nome devido aos seus espinhos pontudos, que lembram os cravos que martirizaram Nosso Senhor. As chilenas, devem seu nome à semelhança com as esporas do "huaso", do Chile. Aos poucos, os ferreiros da época começaram a criar novos tipos de esporas. O peão das vacarias não era de muito luxo. Só usava ceroulas de crivo nas aglomerações urbanas. Ademais, andava de pernas nuas como os índios. À cabeça, usava a fita dos



índios, prendendo os cabelos - que os platinos chamam "vincha" - e também o lenço, como touca, atado à nuca. O chapéu, quando usava, era de palha (mais comum), e de feltro, (mais raro), e talvez o de couro cru, chamado de "pança-de-burro", feito com um retalho circular da barriga do muar, moldado na cabeça de um palanque. O chapéu, qualquer que fosse o feitio, era preso com barbicacho sob o queixo ou nariz. Esse barbicacho era normalmente trançado em delicados tentos de couro cru, tirados de lonca, ou então, eram simples cordões de seda, torcidas, terminando em borlas que caía para o lado direito. Mais raramente, era feito de sola e fivela. Ainda nesta época, aparece o "cingidor", que é o nosso tirador. A mulher vestia-se pobremente: nada mais que uma saia comprida, rodada, de cor escura e blusa clara ou desbotada com o tempo. Pés e pernas descobertas, na maioria das vezes. Por baixo, apenas usava bombachinhas, que eram as calças femininas da época.

93- Como era Traje do Patrão e do Estancieiro?
R: Traje Gaúcho - 1730 à 1820. Patrão das Vacarias e Estancieira Gaúcha: O primeiro caudilho riograndense, tinha mais dinheiro e se vestia melhor. Foi o primeiro estancieiro. Trajava-se basicamente à européia, com a braga e as ceroulas de crivo. Passou a usar também a BOTA de garrão de potro, invenção gauchesca típica. Igualmente o cinturão-guaiaca, o lenço de pescoço, o pala indígena, a tira de pano prendendo os cabelos, o chapéu de pança de burro, etc. A mulher desse rico estancieiro, usava botinhas fechadas, meias brancas ou de cor, longos VESTIDOS de seda ou veludo, botinhas fechadas, mantilha, chale ou sobrepeliz, grande travessa prendendo os cabelos enrolados e o infaltável leque.



94- Como era o Traje do Chiripá Farroupilha?
R: Traje Gaúcho - 1820 – 1865. Este período é dominado por um chiripá que substituiu o anterior, que não é adequado à equitação, mas para o homem que anda a pé. O chiripá dessa nova fase é em forma de grande fralda, passada por entre as pernas. Este se adapta bem ao ato de cavalgar e essa é certamente a explicação para o seu aparecimento. Com isto, fica claro que o Chiripá Primitivo era de origem indígena. Já o Chiripá Farroupilha é inteiramente gaúcho. Esse é um traje muito funcional, nem muito curto, nem muito comprido, tendo o joelho por limite, ao cobri-lo. As esporas deste período são as chilenas, as nazarenas e os novos tipos inventados pelos ferreiros da campanha. As botas são, ainda, a bota forte, comum, a bota russilhona e a bota de garrão, inteira ou de meio pé. As ceroulas são enfiadas no cano da bota ou, quando por fora, mostram nas extremidades, crivos, rendas e franjas. À cintura, faixa preta e guaiaca, de uma ou duas fivelas. CAMISA sem botões, de gola, e mangas largas. Usavam jaleco, de lã ou mesmo veludo, e às vezes, a jaqueta, com gola e manga de casaco, terminando na cintura, fechado à frente por grandes botões ou moedas. No pescoço, lenço de seda, nas cores mais populares, vermelho ou branco. Porém, muitas vezes, o lenço adotado tinha outras cores e padronagens. Em caso de luto, usava - se o lenço preto. Com luto aliviado, preto com "petit-pois", carijó ou xadrez de preto e branco. Aos ombros, pala, bichará ou poncho. Na cabeça usavam a fita dos índios ou o lenço amarrado à pirata e, se for o caso, chapéu de feltro, com aba estreita e copa alta ou chapéu de palha, sempre preso com barbicacho. A mulher, nesta época, usava SAIA e casaquinho com discretas rendas e enfeites. Tinham as pernas cobertas com meias, salvo na intimidade do lar. Usavam cabelo solto ou trançado, para as solteiras e em coque para as senhoras. Os sapatos eram fechados e discretos. Como jóias apenas um camafeu ou

broche. Ao pescoço vinha muitas vezes o fichú (triângulo de seda ou crochê, com as pontas fechados por um broche). Este foi o traje usado pelas ricas e pobres desta época.



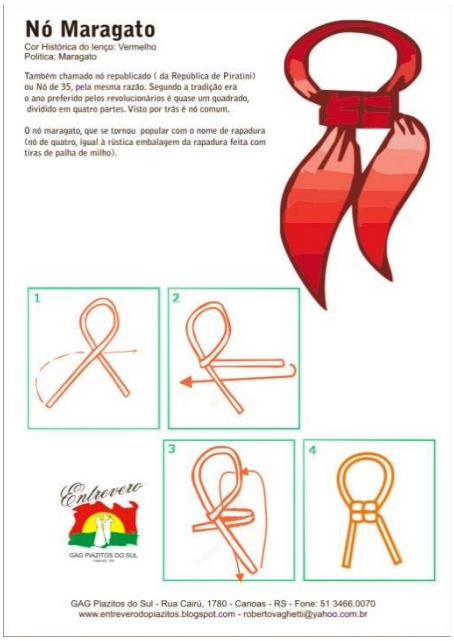
95- Como é o Traje Atual do Gaúcho?

R: Traje gaúcho - 1865 até nossos dias. Bombacha e Vestido de Prenda. A bombacha surgiu com os turcos e veio para o Brasil usada pelos pobres na Guerra do Paraguai. Até o começo do século, usar bombachas em um baile, seria um desrespeito. O gaúcho viajava à cavalo, trajando bombachas e trazia as calças "cola fina", dobradas em baixo dos pelegos, para frisar. As bombachas são largas na Fronteira, estreitas na Serra e médias no Planalto, abotoadas no tornozelo, e quase sempre com favos de mel. A correta bombacha é a de cós largo, sem alças para a cinta e com dois bolsos grandes nas laterais, de cores claras para ocasiões festivas, sóbrias e escuras para viagens ou trabalho. À cintura o fronteiriça usa faixa; o serrano e planaltense dispensam a mesma e a guaiaca da Fronteira é diferente da serrana, por esta ser geralmente peluda e com coldre inteiriço. A camisa é de um pano só, no máximo de pano riscado. Em ambiente de maior respeito usa -se o colete, a blusa campeira ou o casaco. O lenço do pescoço é atado por um nó de oito maneiras diferentes e as cores branco e vermelho são as mais tradicionais. Usa-se mais freqüentemente o chapéu de copa baixa e abas largas, podendo variar com o gosto individual do usuário, evitando sempre enfeites indiscretos no barbicacho. Por convenção social o peão não usa chapéu em locais cobertos, como por exemplo no interior de um galpão. As esporas mais utilizadas são as "chilenas", destacando-se ainda as "nazarenas". Botas, de sapataria preferencialmente pretas ou marrons. Para proteger-se da chuva e do frio usa-se o poncho ou a capa campeira e do calor o poncho-pala. Cita-se ainda o bichará como proteção contra o frio do inverno. Obs.: O preto é somente usado em SINAL de luto. O tirador deve ser simples, sem enfeites, curtos e com flecos compridos na Serra, de pontas arredondadas no Planalto, comprido com ou sem flecos na Campanha e de bordas retas com flecos de meio palmo na Fronteira. É vedado o uso de bombacha com túnica tipo militar, bem como chiripás por prendas por ser um traje masculino. A indumentária da prenda é regulamentada por uma tese de autoria de Luiz Celso Gomes Yarup, que foi aprovada no 34º. Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Caçapava do Sul.

01 - O vestido deverá ser, preferencialmente, de uma peça, com barra da saia no peito do pé;
02 - A quantidade de passa-fitas, apliques, babados e rendas é livre;
03 - O vestido pode ser de tecido estampado ou liso, sendo facultado o uso de tecidos com estamparia miúda ou "petit-pois";
04 - Vedado o decote;
05 - Saia de armar: quantidade livre (sem exageros);
06 - Obrigatório o uso de bombachinhas, rendadas ou não, cujo comprimento deverá atingir a altura do joelho;
07 - Mangas até os cotovelos, três quartos ou até os pulsos;
08 - Facultativo o uso de lenço com pontas cruzadas sobre o peito, também facultado o uso do fichú de seda com franjas ou de crochê, preso com broche ou camafeu, ou ainda do chale;
09 - Meias longas brancas ou bege, não transparentes;
10 - Sapato com salto 5 (cinco), ou meio salto, que abotoe do lado de fora, por uma tira que passa sobre o peito do pé;
11 - Cabelo solto ou em trança (única ou dupla), com flores ou fitas;
12 - Facultado o uso de brincos de metal. Vedados os de fantasia ou de plásticos;13 -
Vedado o uso de colares;
14 - Permitido o uso de pulseiras de aro de qualquer metal. Não aceitas as pulseiras de plástico;
15 - Permitido o uso de um anel de metal em cada mão. Vedados os de fantasia;
16 - É permitido o uso discreto de maquiagem facial, sem batons roxos, sombras coloridas, delineadores em demasia;
17 - Vedado o uso de relógios de pulso e de luvas;
18 - Livre a criação dos vestidos, quanto a cores, padrões e silhuetas, dentro dos parâmetros acima enumerados.

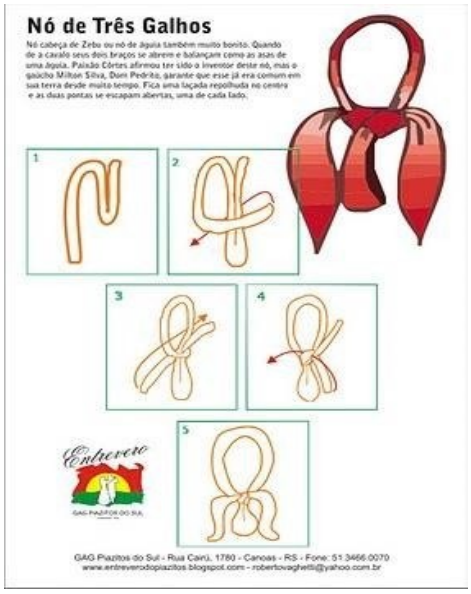


96- Qual é a origem do Lenço de pescoço usado na indumentária gaúcha? E quais os tipos de nós.
R: Em primeiro lugar, uma pergunta : de onde tirou o uso do lenço ? É sabido que na Idade Média o lenço (algo delicado como uma " encharpe ") tinha papel preponderante ... mas era um lenço feminino. Com ele atado no braço, elmo, ou lança, o cavaleiro andante reverenciava um amor fetichista, mais do dominio do sonho que da realidade. Talvez os mouros, os ciganos, os andaluzes, nos tivessem mandado através do Prata essa herança colorida e bizarra. Sim, que dos luzos, índios e negros é pouco provável...
Mas o certo é que o lenço de pescoço existe no Rio Grande desde que sem tem noticia de gaúchos, como em Saint-Hilaire, o velho e nunca manuseado demais Saint-Hilaire. Lenço de seda, franjado ou não, mas sempre de seda (e isso, por isso, já é uma curiosidade) tem suas cores tradicionais : Preto, de luto, branco, dos "Chimangos" de 23 ., principalmente, copiado aos " blancos " do Uruguai. Encarnado, das revoluções de 93 e 23, (e daí por diante) dos Maragatos e Colorados, também copiados da velha Maragateria da Banda Oriental. Verde, dos "picapaus" governistas de 93, correspondentes aos futuros " Chimangos " brancos. Também houve 3 confecções de lenço especiais para o soldados farroupilhas, algo que fosse como um uniforme simbólico: duas confecções nos Estados Unidos e uma na França, mas como chegaram tarde os farrapos não os usaram na Guerra, mas na Paz, como lembrança de uma era gloriosa e sangrenta de nossa história. Os museus ainda guardam exemplares autênticos desses lenços tricolores, onde o escudo da República Riograndense era a nota central. Mas afora esses lenços, que têm uma razão de ser especial , outros houve, que tinham outras cores : azuis, cor-de-rosas, xadrezados, etc. O lenço normalmente no pescoço, atado de muitas maneiras, mas em ocasiões especiais, quando essa posição poderia atrapalhar, ia para a " meia-espada ", cheio de empafia : e lembramos que os dançadores de "Chula" modernos preferem o lenço nessa posição . Lembrando que na Lida Campeira o lenço DEVE ser usado por dentro da gola da camisa para proteção do pescoço e para não sujar a gola da camisa com o suor. Em apresentações artísticas, pode ser usado por fora, estilo escoteiro, ou ainda somente por fora. Mas vamos aos nós, propriamente ditos:



NÓ FARROUPILHA Também chamado nó republicado (da República de Piratini) ou Nó de 35, pela mesma razão. Segundo a tradição era o ano preferido pelos revolucionários é quase um quadrado, ,dividido em quatro partes. Visto por trás é nó comum.
NÓ MARAGATO ou de Assis Brasil, porque segundo a tradição era usado por esse político em suas lutas partidários, ou em seus campos. Até hoje só é dado esse nó em lenços encarnados. É o mais lindo de todos : o centro parece o nó farroupilha, mas dos lados se escapam dois braços, como de uma cruz, visto por trás é a mesma coisa.

NÓ DE GINETEAR Ou de Getúlio Vargas porque era o nó usado pelo grande político de São Borja é um nó dado junto ao pescoço, o meio de banda, fazendo uma laçada de um dos lados, e as duas pontas se escapando juntas pelo outro lado. Preferido pelos domadores, por firme.



NÓ DE TRÊS GALHOS Ou nó de águia também muito bonito. Quando de a cavalo seus dois braços se abrem e balançam como as asas de uma águia. Paixão Côrtes afirmou ter sido o inventor deste nó, mas o gaúcho Milton Silva, Dom Pedrito, garante que êsse já era comum em sua terra desde muito tempo. Fica uma laçada repolhuda no centro e as duas pontas se escapam abertas, uma de cada lado.

NÓ DE OITO VOLTAS Vimos uma vez, apenas, esse nó usado pelo gaúcho Mário Vieira de Júlio de Castilhos, e não conseguimos aprendê-lo. É de grande beleza, mas de difícil execução. Parece um nó farroupilha duplo.



NÓ COMUM ou CHIMANGO: Chamado jocosamente por alguém de nó de biscoito é o comumente usado pela gauchada de campanha, até hoje. Bem dado é bonito.

97- O que uma PRENDA não pode usar na sua pilcha?
R: Brincos grande ou de argolas, Detalhes em cor preta, bijuterias em plástico, não pode esquecer de usar a bombachinha, prenda mirim não pode usar saia e casaquinho, e jamais usar maquiagem fortes.

98- Em que momento se usa o Chapéu?
R: Somente durante as lidas de campo, ou em lugar aberto. Jamais se usa chapéu em fandangos e baile, pois é falta de respeito e educação. Usa-se somente em apresentações artísticas.

99- Quando se usa as esporas?
R: Somente nas apresentações artísticas, dança da chula, gineteadas e atividades campeiras.

100- Quando se usa a Faixa de Prenda e o Boton de Peão?
R: Em eventos oficiais do CTG como rodeios, bailes de rodeios, jantares ou almoços do CTG, congressos, convenções, reuniões. Jamais se usa em Vaca Gordas e bailões populares.



A EVOLUÇÃO DO TRAJE GAUCHESCO NO RIO GRANDE DO SUL

EVOLUÇÃO DOS TRAJES



EVOLUÇÃO DO TRAJE TRADICIONAL FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Acri, Edson. O Gaúcho – Usos e Costumes. Porto Alegre, Grafosul, 1991.

Balzan, Sonia Regina Corona; Castro, Norma Couto de; Trindade, Adriana Malzoni e Corrazza, Ana Paula. Tradições Gaúchas, Apostila para Concurso de Prendas.

Borba, Lucimar. Cartilha do Tradicionalista. Gráfica e Editora Assosoar. 1993. 2ª Edição.
Côrtes, Paixão e Lessa, Barbosa. Manual de Danças Gaúchas. São Paulo – Rio de Janeiro, Irmãos Vitale Editor. 4ª Edição.

Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É – Guiness. Editora Três.1995.

Fagundes, Antonio Augusto. Indumentária Gaúcha. Martins Livreiro, 1992, 5ª Edição

Fagundes, Antonio Augusto. Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1991.

Fagundes, Antonio Augusto. Cartilha da Historia do Rio Grande do Sul. Martins Livreiro – Editor. 1994. 2ª Edição.

Fagundes, Antonio Augusto. Curso de Tradicionalismo Gaúcho. Martins Livreiro – Editor. 1995. 2ª Edição.

Fagundes, Glênio. Cevando o Mate. Porto Alegre, Habitasul, 1980, 9ª Edição.

Ferreira, Cyro Dutra. 35 CTG – O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho. 2ª Edição. Porto Alegre. Outubro de 1992.

Lamberty, Salvador Ferrando. ABC do Tradicionalismo Gaúcho. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor. 1989.

Lazier, Hermógenes. Erva-mate, Riqueza do Paraná Tradicional. Coleção Cadernos do Paraná nº 2, 1993 – 1ª Edição.

Lessa, Luis Carlos Barbosa. História do Chimarrão. Porto Alegre, Editora Sulina, 1986, 3ª Edição.

Nunes, Zeno Cardoso. Dicionário do Regionalismo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor. 1990. 4ª Edição.

Reginatto, Karine. Apostila Tradicionalista da 9ª RT – MTG – PR. Gráfica e Editora Berzon. 1993.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Tropeiros de Mulas, Passo Fundo-RS, Gráfica e Editora Berthier Ltda, 2004.

Lucila Maria Sgarbi Santos e Vera Lucia Maciel Barroso, Organizadoras, Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul, Porto Alegre, Edições Est, 2004.

ORGANIZAÇÃO:

Kavilhuka, Geomara. Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras – FAFI de União da Vitória; Pós Graduada em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras – FAFI de União da Vitória.